

UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Débora Sousa Martins¹

Resumo: A pesquisa tem como objetivo geral interpretar e analisar a inter-relação das vozes cindidas por diversas formações discursivas e ideológicas do sujeito ao longo de sua história, na construção da identidade do sujeito/professor de Língua Portuguesa. Como objetivos específicos, pretende-se descrever uma regularidade do discurso e apreender os sentidos que dali derivam; compreender a concepção que o sujeito/professor de Língua Portuguesa tem de si e de seu trabalho docente ao longo de sua carreira; entrever, assim, os movimentos de identificação do sujeito/professor de Língua Portuguesa com diferentes formações discursivas. Trata-se de um estudo de caso que está sendo realizado com seis professores da educação básica, sendo três do Ensino Fundamental II e três do Ensino Médio, todos de escolas públicas de Posse/GO. Assim, são seis colaboradores, três de uma escola e três de outra, todos habilitados em Letras Português. Para discutir o tema da identidade, tenho como principais teóricos Signorini (2009), Coracini (2003), Hall (2003a, 2001, 2003b, 2003c), entre outros. Para tanto, é uma pesquisa qualitativa baseada em Denzin e Lincoln (2006), adoto, ainda o dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso e centro-me nas análises discursivas desenvolvidas por Pêcheux (1997, 1998), como subsídio para o gesto de interpretação lançado sobre o *corpus*. Parto da hipótese de que no processo de constituição identitária funciona o gesto de interpretação do sujeito que, afetado pela historicidade e pela ideologia, recupera, no interdiscurso, alguns enunciados e não outros para incorporar ao seu discurso. O *corpus* será composto por depoimentos dos sujeitos pesquisados, os quais estão sendo obtidos por meio de questionários respondidos e entrevistas semiestruturadas gravadas.

Palavras-chave: Formação discursiva, formação ideológica, professor, identidade, sujeito, língua portuguesa.

1 Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Estudos CRIARCONTEXTO vinculado à UFG e Professora efetiva do Instituto Federal Goiano – Câmpus Posse. Contato: debora.martins@gmail.edu.br ou deboraesporte@hotmail.com

Esse estudo parte do pressuposto de que a identidade do professor se constrói historicamente, e que este ocupa as posições sujeito que as práticas discursivas constroem para ele, investigamos neste trabalho alguns aspectos que envolvem o professor de Língua Portuguesa no que se refere às formações discursivas e ideológicas ao longo de sua carreira.

Com a motivação de compreender a inter-relação as vozes cindidas por várias práticas discursivas na constituição da identidade do sujeito/professor de Língua Portuguesa. Isso significa dizer que o discurso dos sujeitos da pesquisa é constituído por vozes conflitantes e contraditórias, que são, por sua vez, sustentadas por diferentes filiações discursivas. Ao tomar a palavra para discorrer sobre a sua posição, os sujeitos tecem, no fio linear do discurso, uma aparente unidade.

O objetivo dessa pesquisa é, pois, interpretar e analisar a inter-relação das vozes cindidas por diversas formações discursivas e ideológicas do sujeito ao longo de sua história, na construção da identidade do sujeito/professor de Língua Portuguesa. E como objetivos específicos, descrever uma regularidade do discurso, apreendendo os sentidos que dali derivam com vistas a compreender a concepção que o sujeito/professor de Língua Portuguesa tem de si e de seu trabalho docente ao longo de sua carreira, entrevendo assim, seus movimentos de identificação com diferentes formações discursivas.

Partindo desses objetivos, o estudo será realizado com seis professores da educação básica, sendo, três desses do Ensino Fundamental II e três do Ensino Médio, todos de escolas públicas de Posse/GO. Assim, serão seis colaboradores, cada um de uma escola, e todos habilitados em Letras Português.

Analisaremos como corpus, os depoimentos desses sujeitos, que serão obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e de questionários aplicados, que versam, basicamente, sobre: a) os motivos que os levaram a escolher esse curso; b) se a formação imaginária do sujeito/professor interfere na constituição da prática como sujeito/professor; c) qual avaliação ele faz de seu trabalho docente; d) a transição das formações discursivas dos valores do professor de Língua Portuguesa que modificam a identidade.

A compreensão é a de que também nesse processo de formação funciona o gesto de interpretação do sujeito que, afetado pela historicidade e pela ideologia, recupera, no interdiscurso, alguns enunciados e não outros para incorporar ao fio de seu discurso. Para o desenvolvimento do trabalho proposto serão consideradas as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais são as imagens que o sujeito/professor tem de si mesmo e do objeto de trabalho dele, que é a língua, e como esses aspectos influenciam na constituição da identidade do sujeito/professor de Língua Portuguesa?
- b) De que lugar esse sujeito/professor de Língua Portuguesa se posiciona para falar e qual é a imagem dele do lugar em que ele se inscreve como docente durante o trabalho?

Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela necessidade, mais ampla, de se entender, enquanto processo contínuo a formação desse professor. Haja vista que ele ocupa diversas posições sujeito e com isso a sua identidade como sujeito/professor está em constante mudança, e é influenciado por todas essas maneiras de ver o mundo que o perpassam. E cremos que não há instância melhor que o discurso – lugar em que o indivíduo, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, ao se filiar a certa memória discursiva – para nos permitir investigar os aspectos relevantes a essa formação.

Sabemos que a atuação docente não é capaz de gerar consensos apenas pacíficos, sem conflitos. Acreditamos, sim, no ensino, como atividade linguisticamente mediada que é, pode abrir a possibilidade de que os sujeitos afirmem suas identidades, ampliem seus horizontes, construam suas compreensões sobre o mundo e organizem suas ações por meio do diálogo e da geração de um consenso local, flexível e temporal.

Diferentemente dos estudos que isola e descontextualiza os usos da linguagem para estudá-los, propõe-se nesta pesquisa a investigá-los situando-os sócio-historicamente, considerando-os como eventos linguísticos produzidos por um sujeito social heterogêneo, cuja identidade é construída nas práticas sociodiscursivas e perpassada por valores políticos, ideológicos e éticos que circulam, explícita ou implicitamente, na sociedade. Há uma preocupação centrada em problematizar e compreender – não necessariamente solucionar questões relacionadas aos usos da linguagem, nem tão pouco à construção de verdades, até porque as compreendemos como transitórias.

Para tanto, concebemos a língua/linguagem como o lugar da interação social que trabalha no processo de constituição do sujeito. Orientamo-nos por essa noção de língua, mas também levamos em consideração que as conexões estabelecidas no diálogo interligam subjetividades e estabelecem as relações de sentido, conforme o momento da sua produção. Assim, levamos em conta que os sentidos não estão postos definitivamente, mas constituem-se de forma heterogênea nos discursos que são construídos no meio social.

No que se referi à identidade, tenho como suporte teórico os estudos de Hall (2003a, 2003b, 2003c), Signorini (2009), Coracini (2003), entre outros que serão apresentados ao

longo do texto. Ademais, esta pesquisa sustenta-se no arcabouço teórico metodológico dos campos da Linguística Aplicada (LA) e da Análise do Discurso (AD), que procura demonstrar que o sujeito é o resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia, e o texto é construído a partir do processo de produção de significado, que é histórico e ideológico, isto é entende o texto em sua discursividade.

Assim, sendo o sujeito cindido e fragmentado, interessa-nos investigar, em seu discurso, não o seu conteúdo, mas a posição que o sujeito ocupa ao tomar a palavra, posição esta determinada pelas condições de produção do próprio discurso, afetadas pelas formações discursivas em que se encontra o sujeito no seu fazer pedagógico enquanto professor, num processo de construção de sua identidade profissional.

Com isso, a visão do que constitui o sujeito para a AD pressupõe então, a concepção do que seja a forma-sujeito. A AD aborda a forma-sujeito como uma “forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”, Althusser 1973 comentado por (ORLANDI, 2006, p. 18). Assim a constituição do sujeito se dá no embricamento da língua, da história e da ideologia. Não há sujeito sem ideologia, nem língua sem sujeito (ou sujeito sem língua), circunscritos (todos) na história.

Pêcheux (1997, p. 157) argumenta que a ideologia “recruta” todos os indivíduos para que se tornem sujeitos e que estes, enquanto “sujeitos-falantes”, recebem como evidente o sentido do que ouvem, dizem, lêem ou escrevem. Em suas palavras

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Foucault (2004) não faz uma distinção entre ciência e ideologia com o intuito de neutralizar a idéia que torna a ciência um conhecimento que permite o sujeito vencer as suas limitações particulares de existência, instalando-se em um campo neutro, enquanto a ideologia seria um conhecimento em que o sujeito tem uma relação com a verdade de forma perturbada, obscurecida e limitada por condições de existência. O sujeito ao se expressar esta envolta por todas as ideologias que o perpassam e ele exprime essas multiplicidades de idéias em seu discurso.

Para Maingueneau (2004), a noção de discurso não pode se restringir ao verbal nem ao ato de fala. Para ele uma abordagem discursiva deve contemplar o uso da língua como um posicionamento do sujeito e os laços entre as palavras e as coisas, ou ainda, entre a língua e a

realidade. Para o autor o discurso é um sistema de regras, é a linguagem em uso, a palavra em contexto. Ainda diz que o discurso não é um espelho, mas é uma encruzilhada. Portanto, quando falamos, pensamos ser fonte do que dizemos, mas na verdade, nunca fomos e nem conseguiremos ir à fonte do que dizemos, porque esse dizer sempre está entrelaçado por outras falas.

O discurso é entendido segundo Pêcheux (1997, p. 82), como um *efeito de sentido entre interlocutores*. Logo, o discurso é muito mais que do que transmissão de mensagem/informação, ele é caracterizado como uma palavra em movimento, fruto das relações de linguagem entre sujeitos e os sentidos inseridos em dadas condições de produção, o contexto sócio-histórico e ideológico, aliado ao contexto imediato (o aqui e o agora do dizer).

Pêcheux (1997) ao falar sobre o discurso nos leva ao dialogismo da teoria bakhtiniana, uma vez que o discurso se realiza na interação entre sujeitos singulares, sujeitos com experiências de mundo próprias e por esse motivo objetivam o mundo exterior a sua maneira, por mais que compartilhem conhecimentos e verdades.

Em Bakhtin (2009), o modo como os sujeitos entendem e se significam socialmente é determinado pelos valores. Tudo que é ideológico faz parte de uma realidade humana, uma palavra, uma ação, tudo é determinado pelos valores. E se determinado texto faz sentido para o interlocutor, significa que esse texto elucida valores sociais e ideológicos nos quais esse interlocutor se inscreve. Para ele a língua está sempre afetada pelo que lhe é exterior, não existe palavra sem valor ideológico. Logo, para esse autor, não há discurso individual, pois todo discurso se constitui em função de outro na e pela interação verbal por meio de enunciados.

Frente à postura teórica apresentada acima, podemos considerar que a identidade do sujeito se constrói na/através da linguagem, por isso não podemos falar mesmo em identidades fixas; as identidades estão sempre em estado de fluxo. Partimos da hipótese de que possuímos inúmeras identidades, ou seja, somos portadores de várias identificações, ou ainda, transitamos por várias posições sujeito - algumas das quais procuraremos apreender no discurso dos professores que constituirão o corpus de nossa pesquisa. As múltiplas vozes que são caracterizadas “pela dispersão, pela heterogeneidade, inteiramente vinculada ao momento histórico-social e ideológico, atravessam, de forma conflituosa e dissonante, a constituição identitária” do sujeito.

Se esse sujeito é internamente múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo. Por isso, compreendemos que

a identidade é ilusória e só existe como construção imaginária. Só podemos captá-la por irrupções esporádicas no fio do discurso, quando o sujeito deixa resvalar a sua heterogeneidade.

Para refletirmos, então, sobre a constituição identitária dos sujeitos, torna-se necessário considerar a relação entre representações imaginárias, ou “jogo de imagens” Pêcheux (1997) a forma como o sujeito se vê a partir do lugar que ele ocupa, “quem sou eu para lhe falar assim?”, que imagem ele tem da sua posição sujeito. E ainda, a imagem que ele tem de seu interlocutor: “quem é ele para que eu lhe fale assim?”, e por fim, constrói uma imagem da maneira como seu interlocutor o vê: “quem é ele para que fale assim?” e o modo como ele se relaciona com todas essas formações discursivas existentes, o interdiscurso (memória discursiva). A memória discursiva concerne ao que se inscreve na constituição do sujeito e, assim, sustenta o indizível desse sujeito, pois onde se produz memória produz-se linguagem: uma forma de o sujeito se dizer e dizer o mundo, construir e reconstruir a identidade.

Bergner e Holmes (2000) definem a identidade como “Quem ou o que alguém é, os vários significados que as pessoas podem dar de si mesmas ou os significados atribuídos por outros.” É a imagem que faz de si a partir do outro, a partir dos ambientes sociais frequentados por este.

Rajagopalan (1998) afirma que a identidade do ser humano se constitui na língua e através dela, por isso discutir identidade pressupõe discutir linguagem. O autor também crê que não nascemos com uma identidade fixa e imutável, mas que ela é construída a partir da língua num processo de constante transformação e evolução.

Rolleberg (2003) reforça a compreensão multifacetada da identidade do professor: homem, mulher, pai, mãe, filho, filha, pertence à determinada classe social, tem convicções políticas e religiosas, etc. Conseqüentemente, seu discurso retrata essa natureza multifacetada, e nas diversas práticas discursivas em que se envolve vão se reconstruindo essas identidades.

Assim sendo, é por meio desses recursos e dessas perspectivas que daremos andamento a essa investigação, sem perder de vista a certeza de que somos constituídos no e pelo discurso, e conseqüentemente, somos afetados pela nossa história, pela ideologia e por desejos inconscientes que se manifestam independentemente de nosso querer. E a união de todos esses fatores constitui nossa identidade. E compreender a identidade profissional do professor está diretamente ligado à interpretação social da sua profissão.

A pesquisa em questão caracteriza-se dentro do paradigma descritivo-interpretativo, mais especificamente um estudo de caso. Lüdke e André (1986) afirmam que uma das

características dessa metodologia é a busca por retratar a realidade de maneira completa e profunda. Analisar os elementos desse contexto, relacionando-os entre si, visto que será considerado em seu discurso, não o seu conteúdo, mas a posição que o sujeito ocupa ao assumir a voz, que ecoa de diversas práticas discursivas na construção e/ou reconstrução da identidade do sujeito/professor.

Para melhor compreensão do *corpus* usar-se-á a perspectiva qualitativa Denzin e Lincoln, (2006), que tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto. Dado que a escolha da metodologia se deve fazer em função da natureza da investigação a estudar (SERRANO 2004).

Além disso, é importante mencionar que a pesquisa qualitativa favorece os estudos do campo da Análise de Discurso, visto que ambas procuram analisar e interpretar o mundo social por meio do contexto natural, construído pelos sujeitos em suas relações interpessoais. Para tanto, a interpretação qualitativa dos dados é aprofundada na tentativa de decifrar seus significados. Desse modo, o analista do discurso procura, por meio dessas relações que o indivíduo constrói e reconstrói significados, interpretar os sentidos que dali derivam.

Na coleta de dados para este estudo, estão sendo utilizados como instrumentos, a saber: questionários, entrevistas e gravações em áudio. O material coletado na forma de gravações em áudio está sendo transcrito e, juntamente com todos os outros registros feitos, integram o banco de dados para a análise neste estudo.

É importante que o investigador tenha uma postura autocrítica, o que, por sua vez, sugere ter em mente que não é possível ser neutro e distanciado do conhecimento ou das evidências que estão sendo construídas ao longo do trabalho. Por esse motivo, considero de suma importância assumir uma postura autocrítica e sensata nos contextos em que os dados foram gerados, visto que é uma empreitada um tanto difícil. Logo, não é fácil e muito menos simples tentar interpretar parte desse mundo social, essa pequena parte que faz referência ao todo, que também contamina e é contaminada pelo mundo, pelo todo, sem cair no subjetivismo.

Serão analisados dados de seis colaboradores no total, em um contexto de Educação básica (Ensino Fundamental II e Ensino Médio), sendo, três participantes de cada uma das etapas citadas anteriormente, de colégios públicos da cidade de Posse/ GO. Para a escolha dos colaboradores terão como requisitos: a) de cinco a sete anos de docência, b) que estejam ministrando aulas de Língua Portuguesa, c) no nível Fundamental II ou Ensino Médio, d) em escola pública e) e que seja habilitado de Letras Português.

A escolha em pesquisar escola pública se deu pelo fato de ser um espaço privilegiado para estudos em formação e a atuação de professores, principalmente no que se refere à constituição da identidade do professor, pois as mudanças e adaptações, para atender as exigências e imposições governamentais para o ensino básico no país são uma constante nesse contexto educacional. Isso, de certa forma, pode explicar as queixas e preocupações expressas por muitos educadores em relação às dificuldades encontradas nesses processos de mudança.

A análise dos dados dessa investigação, ainda incipiente, devido à coleta de dados ainda estar em andamento. Mas do pouco que foi coletado, e na tentativa de compreender a constituição da identidade do professor, notei, por várias vezes, que estava ouvindo ecos dos dados coletados. Assim, a cada vez que eu olhava e refletia sobre esse material, sem perder de vista a teoria estudada anteriormente, eles pareciam falar comigo.

Como exposto, a AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela junção da ideologia, da história e da linguagem. O sentido não está colocado na palavra, não pode ser fechado e preso em um único sentido ou em um único momento, mas vai ser sempre incompleto. Cabe assim, ao analista, buscar os efeitos de sentidos e, para isso, precisa sair do texto puro e simplesmente e chegar ao que lhe está exterior através da interpretação. A interpretação do discurso, para Orlandi (2004), “é um ‘gesto’”, ou seja, é um ato no nível simbólico.

Desse modo, para a análise colocamos em consideração a ideia de que é pela imagem e pelo discurso do outro que o sujeito constrói a sua identidade, e que esses discursos possuem diferentes ideologias constituindo-lhe uma subjetividade hegemônica, isto é, uma imagem de si, em que sua identidade é fragmentada na medida em que desempenha diferentes papéis sociais em diversas formações discursivas.

Além disso, que sua identidade está em constante transformação e que através da linguagem é possível vislumbrar apenas pontos de identificação, por meio das vozes que inconscientemente o sujeito traz em seu dizer e a partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera constantemente.

Esse processo não surge de sua própria consciência; é algo que se consolida por meio das interações sociais. Constituímo-nos e transformamo-nos sempre com e pelo outro. Para tanto, os relatos proferidos pelos colaboradores necessitam ser estudados dentro do contexto social e histórico, pois emergem de diferentes vozes sociais.

Logo, os discursos produzidos acerca do professor e de sua profissão surgem como os outros, se originam em condições históricas de confrontos, mas também de acordos e

aderências. Tudo isso junto se dá pelas formações ideológicas. Por fim, existe muito trabalho a ser feito, mas acredito estar na direção certa. Assim, nos dias que se seguem, pretendo terminar a coleta, bem como, a análise dos questionários e entrevistas, buscando relacioná-las entre si e embasando-as com a teoria proposta para esse estudo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In:_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. Cap. 1-7

BELL, Judith. Ética e integridade na pesquisa. In:_____. *Projeto de pesquisa: guia para professores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Tradução por Magda França Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artemed, 2008. p. 45-56.

BELL, Judith. Análise de evidências documentais. In:_____. *Projeto de pesquisa: guia para professores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. Tradução por Magda França Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artemed, 2008. p. 107-170.

BERGER & HOLMES, P., Luckmann, T. A construção social da realidade. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Presidência da República*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 07 jan. 2015.

BRZEZINSKI, Íria. Notas sobre o currículo na formação de professores: teoria e prática. In: SERBINO, Raquel Volpato *et. al.* (Org.). *Formação de professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *Profissão professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano Editora, 2002.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem e Ensino*. Pelotas: RS, v. 8, n. 1. p. 101-122, 2004.

CORACINI, M. J. R. (ORG). *Identidade & Discurso – (des)construindo Subjetividades*. Editora da Unicamp, Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003, p. 139-159

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia In: _____ (orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: _____ (orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 141-162.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____ (orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análises do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003b.

KETELE, J; ROGIERS, X. Aspectos generales de La recogida de información. In: _____. *Metodologia para la recogida de información*. Madri: La Muralla, 1995. p. 11-42

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUDKE, M; ANDRE, M.E.D.A. Abordagem qualitativa de pesquisa: pesquisa etnográfica e o estudo de caso In: _____. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 11-24.

LUDKE, M; ANDRE, M.E.D.A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44.

OLIVEIRA, Z. M. R. et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, set./dez. 2006

ORLANDI, Eni. (org). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Tradução Eni Pucinelli Orlandi [et al.]. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

SERRANO, Glória. El método del estudio de casos. Aplicaciones prácticas. In: _____. *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: I métodos*. 2. ed. Madri: La Muralla, 1998. p. 79-136.

RAJAGOPALAN, K. (1998) O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconstrução radical? In: SIGNORINI, I. (org.) *Linguagem e Identidade*. São Paulo, Fapesp; Campinas, Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, Inês (org). *Lingua(gem) e Identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

TELLES, J. E pesquisa, é? Ah, não quero, não bem! Sobre a pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*, v. 5, n. 2002. p. 91-116.